

Representação do discurso outro em práticas de letramento acadêmico de universitários brasileiros e franceses no enfrentamento da desinformação

Gabriel Guimarães Alexandre*

Fabiana Komesu**

Cédric Fluckiger***

Juliana Alves Assis****

Resumo

De uma perspectiva teórica que privilegia os estudos sobre discurso relatado, particularmente, aqueles que se voltam à representação do discurso outro (RDO), este artigo tem como objetivo investigar o modo pelo qual a RDO pode ser reconhecida em práticas de letramento acadêmico de universitários brasileiros e franceses, quando da demanda institucional, em produções textuais escritas, de análise de *fake news* (notícias deliberadamente falsas ou enganosas) numa atividade acadêmica. Interessa-se por descrever e interpretar aspectos linguísticos e discursivos da RDO que indiciem o trabalho dos universitários com a reflexividade em linguagem, considerando-se semelhanças e/ou diferenças desses aspectos entre os estudantes dos dois países. Trata-se de pesquisa qualitativa de caráter exploratório, cujas análises foram feitas de maneira longitudinal. O *corpus* da pesquisa é constituído de

* Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), São José do Rio Preto. Doutor em Estudos Linguísticos. Pós-Doutorando do programa franco-brasileiro CAPES-COFECUB. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1432-1118>.

** Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), São José do Rio Preto. Doutora em Estudos Linguísticos. Professora e pesquisadora. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3820-1559>.

*** Université de Lille (ULille), Câmpus de Villeneuve-d'Ascq. Doutor em Ciências da Educação. Professor e pesquisador. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2900-0616>.

**** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Câmpus de Belo Horizonte. Doutora em Linguística. Professora e pesquisadora. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9383-4850>.

produções textuais escritas de universitários ($n = 191$), coletadas numa universidade do Brasil e numa universidade da França. A organização do conjunto do material e da análise foi realizada com o *software* de análise de dados textuais MAXQDA. Os resultados demonstram o potencial explicativo desse fenômeno linguístico-discursivo, com destaque a contribuições para a pesquisa e para a formação pedagógica dos estudantes, sobretudo, no que se refere à gestão da palavra alheia em atividades acadêmicas não convencionais.

Palavras-chave: letramentos acadêmicos; ensino superior; desinformação; *fake news*; representação do discurso outro.

Representation of the Other's Discourse in Academic Literacy Practices of Brazilian and French Undergraduate Students in the Combat of Disinformation

Abstract

Drawing on a theoretical framework that foregrounds studies on reported discourse – particularly those concerned with the representation of others' discourse (ROD) –, this article aims to investigate how ROD can be recognized in academic literacy practices of Brazilian and French undergraduate students when they are asked to produce written texts analyzing fake news (deliberately false or misleading information) as part of an academic activity, in response to an institutional demand. This study seeks to describe and discuss linguistic and discursive features of the representation of others' discourse (ROD) that reflect how undergraduate students engage in linguistic reflexivity, considering potential similarities and/or differences between students from the two countries. This research adopts a qualitative and exploratory design, with analyses performed in a longitudinal manner. The research corpus consists of written productions by undergraduate students ($n = 191$), collected from a university in Brazil, and from a university in France. The organization and analysis of the material were carried out using the textual data analysis software MAXQDA. The results demonstrate the explanatory potential of this linguistic-discursive phenomenon, with notable contributions to research and to the pedagogical training of students, especially regarding the management of others' discourse in non-conventional academic tasks.

Keywords: academic literacies; higher education; disinformation; fake news; representation of other's discourse.

Recebido em: 23/06/2025 // Aceito em: 02/10/2025

1. Introdução¹

Este trabalho insere-se nos estudos da linguagem que se dedicam ao discurso relatado, compreendendo-o como representação do discurso outro (Authier-Revuz, 2020). Com base em pressupostos advindos dos estudos de letramentos, por um lado, e da análise do discurso de vertente francesa, por outro, o objetivo deste artigo é investigar como a representação do discurso outro (doravante, RDO) pode ser reconhecida em práticas de letramento acadêmico de universitários brasileiros e franceses, quando da demanda institucional, em produções textuais escritas, de análise de *fake news* (notícias deliberadamente falsas ou enganosas) numa atividade acadêmica. Interessa a este trabalho descrever e interpretar aspectos linguísticos e discursivos da RDO que indiciem o trabalho dos universitários com a reflexividade em linguagem, considerando-se semelhanças e/ou diferenças desses aspectos entre os estudantes dos dois países. Trata-se de pesquisa qualitativa de caráter exploratório, cujas análises foram feitas de maneira longitudinal. Tenciona-se investigar aspectos linguístico-discursivos da RDO em práticas letradas acadêmicas com o objetivo de compreender como se inter-relacionam com outras, considerando-se os contextos dos dois países (Brasil e França).

Este artigo está organizado da seguinte maneira: a seção 2 apresenta uma abordagem discursiva das práticas de letramento em contextos formais de ensino, numa conjuntura de luta contra a desinformação; a seção 3 descreve o conjunto do material e os

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio do Programa CAPES-COFECUB (processo 88887.979747/2024-00), da FAPESP (processo 2022/05908-0), da FAPEMIG (APQ-05058-23), do CNPq/Universal (processo 409249/2023-8), do CNPq/PQ (processos 301678/2025-1 e 312852/2022-3) e do Laboratório CIREL (Centre interuniversitaire de recherche en éducation de Lille), equipe Théodile, da Université de Lille, França, aos quais os autores agradecem.

procedimentos metodológicos do trabalho; a seção 4 expõe os resultados da análise e a seção 5 discute esses resultados. A seção final apresenta considerações sobre o estudo, com destaque para seu alcance e possíveis desdobramentos.

2. Uma abordagem discursiva de práticas de letramento acadêmico na conjuntura da desinformação

No contexto de práticas letradas acadêmicas, na relação com as digitais, Gourlay, Hamilton e Lea (2014) destacam a inseparabilidade entre mudanças sociais, econômicas e culturais e desenvolvimento das tecnologias digitais, cujas promessas quanto ao potencial de ampliação do ensino superior, bem como a questões de equidade, acesso e participação, moldaram (e ainda moldam) o setor acadêmico (e mercadológico) no início deste século. Sabe-se, ainda, que a interação potencializada pela internet promoveu o aparecimento de uma cultura concebida, por pesquisadores em diferentes domínios, como participativa (Jenkins, 1992; Lankshear; Knobel, 2011, 2017), em que “decisões sobre o que passar ou não adiante na internet reconfiguram o cenário midiático” (Jenkins; Green; Ford, 2014, p. 24). A acentuação dos usos de tecnologias digitais pode também ser vista do ponto de vista do chamado processo de engajamento de usuários em redes sociais digitais, a partir do qual países como Brasil e França podem ser reconhecidos.

De acordo com o mais recente relatório da agência especializada em tendência de mídia social, *Data Reportal* (2024), considerado o índice de engajamento de pessoas à internet, na relação com o total da população conectada, Brasil apresenta 86,6% e França, 93,8% desse índice, o que indica

forte participação das populações desses países em ambientes digitais. Além disso, quanto às plataformas sociais, Brasil utiliza, em primeiro lugar, o WhatsApp (93%), seguido do Instagram (91,2%) e do Facebook (83%). No caso da França, Facebook aparece em primeiro lugar (72%), seguido do WhatsApp (63%) e do Instagram (60%).

Em termos de utilização de mídia social como fonte de notícias, na comparação com a média mundial (34,2%), Brasil encontra-se em terceiro lugar (com 52,7% da população) e França, em quadragésimo (com 31% da população). Essa diferença pode ser de interesse de um estudo comparativo entre os países, levando-se em conta uma investigação de práticas letradas acadêmicas e digitais no contexto de enfrentamento da desinformação. Esse estudo comparativo é ainda justificado por histórico de parceria acadêmico-científica entre pesquisadores dos dois países, como destacam Komesu *et al.* (2025), considerando-se programas de cooperação internacional como CAPES-COFECUB, iniciado em 1978. Com efeito, os autores reafirmam a importância de promoção da educação científica, sobretudo, diante de desafios impostos pelo fenômeno da desinformação em práticas letradas mediadas por tecnologias digitais (Komesu; Daunay; Fluckiger, 2021; Assis; Komesu; Pollet, 2021; Komesu; Alexandre; Silva, 2020; Oliveira *et al.*, 2024), comuns às realidades educacionais e sociais do Brasil e da França (mas não somente).

Ambos os países promovem em suas agendas discussões sobre o avanço da desinformação em diferentes temas, a exemplo do ocorrido na pandemia de covid-19. No caso dos países da Europa, em especial, na França, destaca-se que, embora se tenha o aumento de circulação de teorias conspiratórias, movimentos anticiência/antivacina e ceticismo em relação à catástrofe

climática, há respeito da população pelo conhecimento científico produzido naquele país, o que coloca em evidência a importância de práticas de letramento com abordagem crítica da realidade em contexto de consumo e de propagação de informações (Siarova; Sternadel; Szőnyi, 2019). No caso do Brasil, a disseminação de teorias conspiratórias tem sido observada, na área de saúde pública e política, no que respeita à avaliação de posições negacionistas de autoridades governamentais (Ricard; Medeiros, 2020; Recuero *et al.*, 2020).

No âmbito dos estudos da linguagem, práticas sociais de leitura e escrita que mobilizam uso de tecnologias digitais têm sido investigadas na produção acadêmica em diferentes níveis de ensino. Com menos ênfase à aparente “novidade” associada a uma “revolução tecnológica” e com atenção voltada a processos sociais significativos, refletir de uma perspectiva socioantropológica sobre práticas de letramento permite considerar, nesse processo, uma sobreposição de modelos de letramentos (Lea; Street, 2014), em que o domínio de uma superfície linguística, por meio de dispositivos tecnológicos, e a atividade de aculturação de estudantes a gêneros mediados por tecnologias digitais, demanda a problematização da produção de sentido, identidade, poder e autoridade dos usos sociais de leitura e escrita em ambientes digitais. Trata-se de um processo de textualização discursiva que não se restringe ao momento imediato da produção do texto com uso de tecnologias, mas implica o reconhecimento da complexidade de sua constituição, na consideração de uma dinâmica do fenômeno de desinformação e *fake news*.

Alexandre (2024) evita adotar uma concepção restrita de desinformação, concebida como o que seria a “não informação”

ou, ainda, o que seria deliberadamente falso ou enganoso (caso das *fake news*). Apoiando-se em estudos sobre o fenômeno (Wardle; Derakhshan, 2017; Tandoc Jr.; Lim; Ling, 2018), retoma o trabalho de Assis, Komesu e Pollet (2021), para as quais uma concepção ampla do conceito deve levar em conta características referentes a informações verificáveis, estratégias de fabricação e manipulação de notícias, estratégias de produção do verossímil para constituírem “valor de troca” e estratégias de linguagem, como a sátira e a paródia. Alexandre (2024) argumenta que a passagem da noção de informação à desinformação é uma ficção discursiva. Assume, com outros autores, um conceito de (des) informação segundo uma dinâmica complexa que constitui a desordem informacional que, por sua vez, atua transversalmente em temas diversos da sociedade. Diante de conteúdos circulantes em redes sociais digitais, seu interesse recai sobre a atividade analítica de sujeitos que são impelidos a “tomar uma decisão” sobre em que (não) confiar, no movimento cotidiano de consumo de informações.

A prática de análise de um discurso outro pode ser concebida no âmbito da heterogeneidade enunciativa (Authier-Revuz, 1990), uma vez que “joga” com as fronteiras entre exterior e interior do discurso, quanto ao alcance linguístico da construção da realidade. Fundamentada num aparato teórico que articula o dialogismo bakhtiniano como princípio constitutivo da linguagem, a linguística enunciativa benvenistiana e a psicanálise lacaniana, a representação do discurso outro (RDO) é entendida como marca de heterogeneidade representada no/do discurso. Para Authier-Revuz (1990, 2020), o discurso é radicalmente heterogêneo, numa relação consigo próprio, com um sujeito que o diz e com um exterior que lhe constitui. Propõe, na interlocução entre texto

e contexto, uma reflexão sobre processos reais (heterogeneidade constitutiva) e representacionais (heterogeneidade representada) articulados, ambos, no processo mesmo do dizer. Dito de outro modo, o vínculo entre o que está “de fora” do dizer e que a ele é constitutivo é resultante desses dois planos, numa negociação do sujeito (do inconsciente) com a “ameaça” da heterogeneidade que lhe escapa. Por essa razão, Authier-Revuz (1990) alerta para o fato de que, se toda articulação entre esses dois planos comporta uma assimilação redutora de um ao outro, não se deve, “na base de sua irredutibilidade, admitir o fechamento na descrição de um dos dois planos, havendo risco permanente de fazê-lo como realidade enunciativa” (Authier-Revuz, 1990, p. 32).

Essa proposta vai ao encontro de uma concepção segundo a qual “interior” e “exterior” do discurso são faces de uma mesma realidade. Para Authier-Revuz (2020), a reflexividade metalinguística é constitutiva e languageira, pois o discurso é sempre discurso sobre um discurso – seja o discurso “se fazendo”, seja o discurso “sobre outro”. Logo, duas condições impediriam a univocidade da língua: a reflexividade metalinguageira e a alteridade discursiva. Definida pela linguista como ato de enunciação que tem como referência outro ato, a RDO é campo que possibilita o estudo das formas pelas quais um discurso coloca um exterior a si mesmo, delimitando-o para ter acesso à imagem que o discurso constrói de si próprio (Authier-Revuz, 2020).

No contexto de práticas letradas acadêmicas com uso de tecnologias digitais, de interesse deste trabalho, as respostas de universitários brasileiros e franceses a uma demanda institucional, numa reflexão sobre desinformação, configuram-se como lugar privilegiado para observação da representação do

discurso outro: no par dialógico pergunta-resposta², responde-se não somente a uma instrução (enunciado), mas também a uma situação de enunciação na qual aquela consigna aparece. A seção seguinte descreve o conjunto do material e os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho.

3. Investigando a eletricidade no Egito e a extinção das abelhas no mundo: material e procedimentos metodológicos

3.1 Constituição do *corpus*

O conjunto do material é constituído de 191 produções textuais escritas, produzidas por universitários matriculados em cursos de licenciatura e bacharelado de uma universidade brasileira e de outra francesa, no âmbito de projetos de colaboração de pesquisa internacional mais amplos³. Essas produções foram coletadas no ano de 2024, tanto no Brasil, quanto na França, em disciplinas regulares que tratavam de práticas de leitura e produção de textos no contexto acadêmico, dado o interesse institucional de promoção de educação científica no enfrentamento da desinformação. O perfil dos participantes brasileiros é o de universitários licenciandos em Física e em

2 Nos estudos da linguagem, o par pergunta-resposta é compreendido como unidade dialógica, no destaque para sua natureza interlocutiva. Neste trabalho, concebemos a atividade acadêmica endereçada aos universitários dos dois países na qualidade de um **par pergunta-resposta**, uma vez que a resposta formulada não se dissocia da instrução que a precede, mantendo-se vinculada à orientação comunicativa do enunciado de comando.

3 Trata-se dos projetos de pesquisa “Aprendizes universitários em práticas contemporâneas de letramento acadêmico-científico para formação de professores e pesquisadores globalizados”, coordenado pela Profa. Dra. Inês Signorini (Unicamp), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processo 2022/05908-0) e “Letramentos e tecnologias na educação científica e no enfrentamento da desinformação”, coordenado, na parte brasileira, pela Profa. Dra. Fabiana Komesu (Unesp) e, na parte francesa, pelo Prof. Dr. Cédric Fluckiger (Université de Lille), com financiamento do programa franco-brasileiro CAPES-COFECUB (processo 88887.979747/2024-00). Os autores deste artigo compõem as equipes desses dois projetos de pesquisa.

Letras e de bacharelandos em Letras; na França, de licenciandos em Ciências da Educação. Os procedimentos de coleta, de análise dos dados e de sua divulgação seguem os protocolos aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa/CEP (CAAE processo n. 67001923.9.1001.8142).

Produções textuais escritas foram coletadas nos dois países a partir da aplicação de quatro atividades voltadas à educação científica na luta contra a desinformação. Para este trabalho, foram consideradas duas dessas atividades (nomeadas A02-Egito e A04-Abelha) e as produções textuais escritas decorrentes de sua implementação, conforme apresentado na Tabela 1:

Tabela 1 – Organização dos *corpora* brasileiro e francês

Atividade/objeto da atividade	<i>Corpus</i> BR	<i>Corpus</i> FR
A02-Egito/trecho de entrevista	47	52
A04-Abelha/postagem	40	52
Total parcial	87	104

Total de produções textuais escritas: 191

Total de caracteres com espaço: 87.668

Fonte: Elaboração própria.

O Quadro 1 apresenta uma organização dos enunciados de comando, em português brasileiro e em francês europeu, referente a cada atividade em questão:

Quadro 1 – Enunciados das atividades em português brasileiro e em francês europeu

Contexto da atividade	Enunciado em português brasileiro	Enunciado em francês europeu
A02-Egito Objeto: excerto de transcrição de entrevista com o rapper congolês Maître Gims, em que o músico afirma que os egípcios dispunham de eletricidade na Antiguidade.	Comente quais elementos podem mostrar que essa informação tem credibilidade ou não. O que essa controvérsia pode mostrar sobre o conhecimento científico e a produção de verdade em circulação nas redes sociais?	<i>On vous demande de commenter quels éléments peuvent rendre cette information crédible ou non. Que peut montrer cette controverse sur la connaissance scientifique et la production de la vérité qui sont discutées sur les réseaux sociaux ?</i>
A04-Abelha Objeto: enunciado verbo-visual (postagem extraída) de rede social digital, em que, ao centro, há a imagem de uma abelha morta, com informação de que muitas pessoas não compartilhariam o fato de que 7 diferentes espécies de abelhas estão ameaçadas de extinção.	Você leu uma informação que foi compartilhada por um(a) amigo(a) no seu “feed” do Instagram. Nessa mensagem, seu (sua) amigo(a) pediu para o maior número de pessoas possível compartilhá-la. Você acredita no desaparecimento dessas sete espécies de abelhas? Em resposta a esse post, você decide comentar essa publicação para explicar ao(à) seu (sua) amigo(a) o porquê de você escolher compartilhar ou não essa informação.	<i>Vous avez lu cette information qui a été partagée par un ami.e dans son « feed » sur Instagram. Dans ce message, votre ami demande au plus grand nombre de personnes possible de la partager. Croyez-vous à la disparition de ces sept espèces d'abeilles ? En réaction à ce post, vous décidez de commenter cette publication pour expliquer à votre ami pourquoi vous choisissez de partager cette information ou de ne pas la partager.</i>

Fonte: Elaboração própria.

Observa-se, no caso das Atividades A02-Egito e A04-Abelha, que as instruções demandavam dos universitários dos dois países: (i) uma avaliação sobre aspectos de credibilidade (ou não) da informação e um posicionamento sobre a controvérsia disseminada em redes sociais digitais (A02-Egito); (ii) um posicionamento sobre o suposto desaparecimento de espécies de abelhas, com apresentação de uma explicação endereçada a um interlocutor projetado (um/a amigo/a) sobre a escolha de compartilhar (ou não) essa informação (A04-Abelha). Do ponto de vista institucional, a expectativa é de que as respostas dos universitários levassem em conta (i) aspectos interlocutivos relacionados seja ao pronunciamento controverso de uma figura pública em redes sociais digitais, seja à veiculação de postagens com “informações” de interesse público na internet; (ii) um posicionamento sobre credibilidade da informação e seu compartilhamento numa conjuntura de desinformação e *fake news*. Trata-se de atividades cujas respostas demandavam/demandam representações de discursos outros, de interesse deste trabalho.

Na subseção seguinte, apresentamos os procedimentos metodológicos assumidos neste estudo.

3.2 Procedimentos metodológicos

Considerando-se o propósito de descrever e interpretar aspectos linguísticos e discursivos que indiciem o trabalho dos sujeitos universitários com a reflexividade em linguagem, elege-se, com Authier-Revuz (2020), o reconhecimento de cinco modos enunciativos definidos a partir de traços diferenciais nos níveis semântico, semiótico e enunciativo:

1. discurso direto (DD),
2. discurso indireto (DI),
3. discurso bivocal (Biv),
4. modalização autonímica de empréstimo (MAE) e
5. modalização em asserção segunda (MAS).

O reconhecimento desses modos levou em consideração formas marcadas e não marcadas. Para este trabalho, optou-se por apresentar apenas as formas marcadas da representação do discurso outro, ou seja, apenas ocorrências identificáveis pela estrutura superficial nas duas línguas (português brasileiro e francês europeu). Esses modos estão engendrados por níveis de diferenciação, a saber:

(i) quanto ao nível semântico, o discurso outro é representado como objeto do dizer (DD, DI) ou como fonte do dizer (MAE, MAS);

(ii) quanto ao nível semiótico, o discurso outro é representado por meio do uso ordinário (DI, MAS) ou com autonomização (DD, MAE);

(iii) quanto ao nível enunciativo, a ancoragem enunciativa de dois atos de fala (aquele do discurso representado e aquele do discurso representante) ora é unificada (DI, MAS, MAE), ora é separada (DD).

Segundo Authier-Revuz (2020, p. 374), a combinação que resulta desse jogo diferencial dos traços semântico (A: falar de/falar segundo), semiótico (B: projetar/não projetar os significantes na cadeia sintática) e enunciativo (C: integrar/

disjuntar/compartilhar a ancoragem enunciativa) dos modos é o que permite sua identificação como “fórmula abstrata geral” e “zona de formas” nas quais essa fórmula pode se realizar. Considerando essas oposições e tendo como referência a ancoragem enunciativa, as fórmulas abstratas seriam: DI $[A_1B_1C_1]$, MAS $[A_2B_1C_1]$, MAE $[A_2B_2C_1]$, DD $[A_1B_2C_2]$ e Biv $[A_1B_2C_3]$. Retomaremos, na análise, essas relações opositivas para discutir efeitos de sentido que se engendram no discurso. Adiantamos que o discurso bivocal (Biv) e a modalização autonímica de empréstimo (MAE) não foram encontrados no *corpus* em estudo.

Para a identificação dessas formas no *corpus*, baseamo-nos, como indicado, no trabalho de Authier-Revuz (2020, p. 345) e nos procedimentos metodológicos por ela apresentados e que podem ser resumidos na apreciação: (i) de uma fórmula geral dos modos, (ii) de espaços de formas pelas quais a fórmula se realiza e (iii) dos efeitos de sentido que podem ser apreendidos. Ainda com base no estudo da autora, observa-se que os modos estão implicados em processos metalinguageiros – não exclusivos à RDO – que dão suporte ao fenômeno: (i) categorização (nomeação de um fato do dizer), (ii) (re)formulação parafrástica (substituição por equivalência semântica) e (iii) autonimização (quando a palavra alheia é, ao mesmo tempo, “usada” e “mencionada”).

A partir do reconhecimento desses fatos de RDO, o objetivo é propor interpretações discursivas a respeito de uma tendência geral operada por universitários quando da representação do discurso outro no (seu) discurso. Interessa também comparar as produções textuais escritas dos universitários brasileiros e franceses, em termos de semelhanças e diferenças das práticas sociais letradas. A análise busca identificar, num primeiro

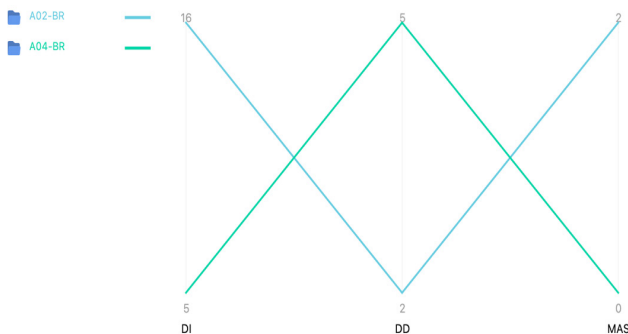
momento, tendências de RDO de maneira transversal ao conjunto dos textos, sem particularizar as ocorrências para cada estudante, visto que a apropriação da palavra alheia não acontece em todas as respostas. A organização dessas categorias foi feita com o auxílio de *software* de análise qualitativa e de dados mistos de pesquisa (MAXQDA, versão 24.6.0 –VERBI Software, 2024).

4. Resultados

Apresentamos, na sequência, gráficos criados no MAXQDA, com a finalidade de observar a distribuição dos modos de RDO em cada *corpus* analisado. Em seguida, interessa-nos comparar os dois *corpora*. Os enunciados de resposta não são extensos e foram coletados por meio de formulário (Formulários Google, no caso da universidade do Brasil; Plataforma *LimeSurvey*, no caso da universidade da França).

Os modos de representação do discurso outro não se excluem mutuamente no interior de uma produção textual escrita. É possível – de fato, recorrente – que um mesmo enunciado mobilize mais de um modo representacional de maneira simultânea, o que justifica o fato de que os gráficos ultrapassam o limite de 100%. O que interessa à análise proposta é a densidade relativa com que determinados modos aparecem no conjunto dos textos. Trata-se de mapear padrões de recorrência e sobreposição de procedimentos linguístico-discursivos em contextos reais de produção, e não de classificar os textos em categorias estanques. O Gráfico 1 apresenta a distribuição dos modos de RDO no *corpus* brasileiro.

Gráfico 1 – Distribuição dos modos de RDO no *corpus* brasileiro

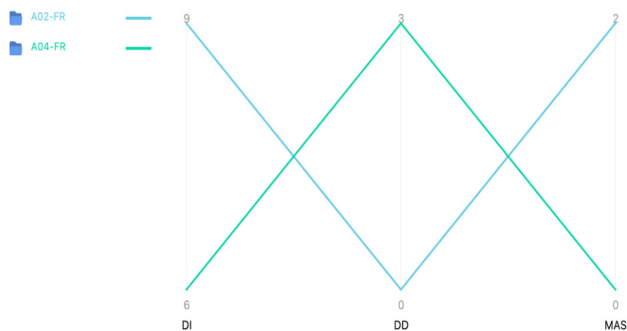


Fonte: Elaboração própria com uso do MAXQDA.

Observa-se que as únicas formas marcadas de RDO identificadas foram o discurso indireto (DI), discurso direto (DD) e modalização em asserção segunda (MAS). No caso da atividade A02-Egito, realizada por estudantes brasileiros ($n = 47$), foram localizadas 16 ocorrências de DI, com duas (02) de DD e duas (02) de MAS. Na atividade A04-Abelha, realizada com universitários brasileiros ($n = 40$), por sua vez, há cinco (05) ocorrências de DI, cinco (05) de DD e não há presença de MAS.

O Gráfico 2 apresenta a distribuição desses modos de RDO no *corpus* francês.

Gráfico 2 – Distribuição dos modos de RDO no *corpus* francês

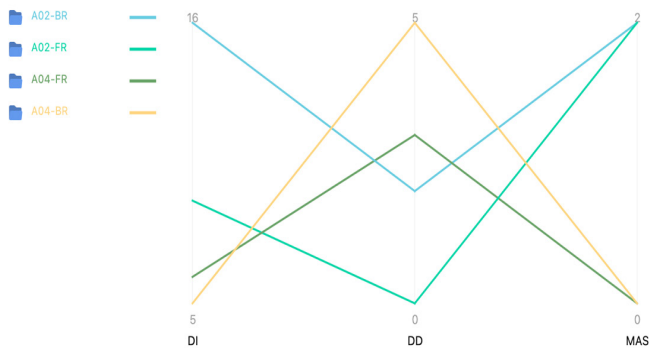


Fonte: Elaboração própria com uso do MAXQDA.

Com base no Gráfico 2, é possível reconhecer uma diferença com relação à incidência de RDO entre as atividades (e não entre as funções dos modos, conforme discutiremos na seção seguinte). Na atividade A02-Egito, realizada por universitários franceses ($n = 52$), há nove (09) ocorrências de DI, ausência de DD e somente duas (02) de MAS. Na atividade A04-Abelha, realizada por estudantes franceses ($n = 52$), há aumento de DI, com seis (06) ocorrências, seguidas de três (03) do DD, com ausência de MAS.

O Gráfico 3, por fim, apresenta uma comparação visual entre distribuição dos modos de RDO nos dois *corpora*, brasileiro e francês.

Gráfico 3 – Comparação entre distribuição dos modos de RDO nos dois corpora



Fonte: Elaboração própria com uso do MAXQDA.

Numa comparação inicial da presença de modos de RDO nos dois corpora, avalia-se, com base na atividade A02-Egito, no caso do Brasil, preferência por DI (16), com menor presença de DD (02) e de MAS (02), enquanto na França, ainda que se tenha preferência por DI (09), com baixa frequência de MAS (02), há ausência de DD. Quanto à atividade A04-Abelha, há proporcionalidade, no caso do Brasil, de DI e de DD (05 e 05, respectivamente), com ausência de MAS; similarmente, o caso da França apresenta preferência por DI (06), com presença de DD (03) e ausência de MAS.

Na seção seguinte, buscamos descrever e interpretar efeitos de sentido que emergem dessa configuração enunciativa nas respostas dos universitários brasileiros e franceses, levando em conta pontos de semelhança e de diferença.

5. Discussão

Com base nos resultados, é possível mapear três funções argumentativas relacionadas a modos, descritos em seguida. A RDO é operada como:

(i) ponto de partida para a interpretação: nas duas atividades, a representação do discurso outro serve de base às interpretações dos universitários brasileiros e franceses, como argumento de concordância ou de discordância face ao conteúdo enganoso (por DD, DI e MAS);

(ii) intervenção de um discurso “alheio”: nas duas atividades, os universitários brasileiros e franceses fazem intervir atos enunciativos outros ligados às suas próprias experiências (exclusivamente por DI);

(iii) criação de um universo de discurso imaginado ou inventado: apenas na atividade 04-Abelha, os estudantes projetam em seus textos aquilo que diriam numa situação hipotética, mantendo a própria fala à distância da situação enunciativa de ancoragem (por DD e DI).

Apresentamos a seguir excertos representativos de cada função argumentativa. Com relação, em primeiro lugar, à forma de RDO como ponto de partida para interpretação, observamos, como em (1), a ocorrência de MAS. Segundo Authier-Revuz (2020), a característica que define a MAS ($A_2B_1C_1$) em relação aos outros modos é sua organização diferencial que considera, semanticamente, o discurso outro como fonte do dizer (A_2), cujo estatuto semiótico diz respeito ao uso “ordinário”⁴ das palavras representadas (em contraposição a um uso autonímico)

⁴ Trata-se da diferenciação, proposta por Authier-Revuz (2020, p. 278), entre (a) “uso”, (b) “menção” (autonímia) e (c) acúmulo de “uso e menção” – modalização ou conotação autonímica. Os exemplos seguintes são da autora: (a) meus sapatos estão sujos; (b) “sapatos” rima com “ratos”; (c) a cada passo, o palhaço perdia seus “sapatos”, se é que essa palavra convém.

com o tipo de articulação unificada no ato enunciativo mesmo (C_1). Enquadradas na necessidade de reconhecer elementos outros na atividade (A02-Egito BR, neste caso), MAS funciona representando o discurso outro objeto da atividade, não assumindo, diretamente, a responsabilidade pela asserção trazida, delimitando-a à fonte, para, neste caso, contradizer essa mesma asserção.

- (1) A notícia não possui credibilidade, pois ela fala sobre história e ciência, mas o entrevistador é um youtuber e o entrevistado um cantor, além disso as declarações do rapper foram absurdas, o que **segundo própria notícia**, preocupou até especialistas. (UP-024-PLPTII-A02-P03)⁵.

Em (1), observa-se que o marcador de MAS (“segundo própria notícia”) engendra, por reformulação, o fato de que “preocupou até especialistas”, na retomada da qualificação de “absurdas” as declarações do rapper congolês Maître Gims, cujo pronunciamento em entrevista concedida a um *youtuber* é objeto da segunda atividade. O discurso outro é representado como reforço ao próprio ponto de vista.

Em segundo lugar, com relação à forma de RDO como intervenção de um discurso “alhures”, observamos, em (2), a ocorrência exclusiva do discurso indireto (DI). De acordo com Authier-Revuz (2020), o modo do DI ($A_1B_1C_1$) é estruturado, semanticamente, fazendo referência ao objeto do dizer (A_1), cujo estatuto semiótico é ordinário (portanto, em “uso”, B_1), trazendo uma ancoragem unificada no ato enunciativo principal (C_1). Oferece uma representação do discurso outro em que

5 A codificação diz respeito a: instituição de ensino superior (UP, para a universidade brasileira; UL, para a universidade francesa); ano da coleta (024) e disciplina em que foi aplicada (como Prática de leitura e produção de textos II, PLPTII), seguidos de número da atividade (A02 ou A04) e número atribuído aleatoriamente ao participante da pesquisa. A escolha do destaque em negrito indica zona de forma representada marcada de RDO.

sentido e referência são acessíveis à experiência partilhada da enunciação principal; por essa razão, é o modo por excelência das operações de reformulação (paráfrase do discurso outro) e de categorização (do verbo de dizer, mas não somente, que introduz o ato enunciativo outro).

- (2) J'ai par ailleurs eu **une personne de mon entourage qui m'a dit que c'était possible, ça craint...** (UL-024-CEF-A02-P07).

Em (2), há um conteúdo representado (“c'était possible”) que não pertence a nenhum discurso da atividade em questão, mas a um discurso (imaginado ou não) atribuído a alguém do círculo social do enunciador que afirmaria que a eletricidade no antigo Egito teria sido possível (sem explicitar, em momento algum da resposta, o conteúdo da asserção do cantor Gims). Dessa forma, o enunciador reformula o conteúdo (“ser possível”) para integrá-lo à sua própria narrativa (“que era possível”), resultando no uso do imperfeito, mudança de tempo esperada no DI para manter coerência gramatical e semântica no novo quadro enunciativo.

Por fim, há uma relação especial no caso da terceira função, que incide somente na atividade 04-Abelha nos dois países. Trata-se da criação de um universo de discurso imaginado ou inventado, que acontece por DD e DI. Apresentamos a seguir dois excertos de DD representativos desse fenômeno, que coloca em primeiro plano a força do enunciado de pergunta nessas práticas letradas acadêmicas. No caso do modo DD ($A_1B_2C_2$), Authier-Revuz (2020) considera sua estruturação diferencial, no plano semântico, fazendo referência ao objeto do dizer (A_1), cujo estatuto semiótico é sempre autonímico (B_2), com ancoragens distintas no ato enunciativo principal (C_2). Funcionando pela

apresentação autonímica de dada sequência linguística, está explicitamente ancorada em um ato de enunciação distinto do atual, oferecendo a esse ato (cujo conteúdo é trazido como objeto representado) uma possibilidade particular de reprodução “literal” com efeitos de sentido específicos. Dessa maneira, a operação metalinguageira mais frequente (mas não única) foi a de autonimização, com ancoragem no conteúdo do discurso outro:

- (3) Je pense que même si quelqu'un la partage, cela ne va pas changer son comportement et ses habitudes. **Il va se dire « j'ai partagé donc je veux que les abeilles ne disparaissent pas. J'ai fait ce qu'il fallait » et c'est tout.** (UL-024-CEF-A04-P05).
- (4) Se eu fosse obrigada a comentar, **seria algo do tipo: “Tomem cuidado ao compartilhar conteúdos científicos que não apresentam uma fonte científica confiável. Na dúvida da veracidade, só não compartilhem. Pode ser uma desinformação e prejudicar as outras pessoas. Aliás, esse post nem diz o que podemos fazer para contribuir e ajudar a solucionar esse problema.”** (UP-024-PLPT-A04-P01).

Em (3) e em (4), a forma de representação em questão funciona diferentemente em função da situação interlocutiva imaginária que aos universitários foi solicitada (escrever um comentário a *post* de um amigo, explicando por que compartilhar ou não a informação sobre a suposta extinção de espécies de abelhas). O discurso outro não é trazido da atividade, mas utilizado, por DD, como apresentação do próprio comentário (em (3), “il va se dire ‘P’”; em (4), “seria algo do tipo: ‘P’”). Esse fenômeno é semelhante ao problema da autocitação, que levaria o próprio referente a um universo de discurso autônomo em relação a um “aqui” e “agora” de sua representação (cf. Authier-Revuz, 2020, p. 20).

De modo geral, a (re)formulação por DI, mas também em casos de DD, é a operação metalinguageira mais produtiva nas respostas analisadas nos *corpora* brasileiro e francês. Há pelo menos duas maneiras de compreender essa recorrência: (i) as atividades, aplicadas em contexto acadêmico, não apresentam instrução específica para utilização de fontes de comprovação que poderiam embasar os argumentos apresentados pelos participantes, o que pode significar que a prática de gestão da palavra alheia não surge de maneira espontânea para o participante apenas pelo fato de se tratar de contexto acadêmico e (ii) os enunciados das atividades, que pressupunham análise de discurso outro (na retomada de um trecho de entrevista e de uma postagem em rede social digital), apenas produzem respostas com alta incidência de RDO se, no conteúdo enunciativo, houver instrução explícita que exija do participante a representação ao discurso outro na atividade.

Impregnado de alteridade, o discurso outro no discurso de recepção coloca em evidência que universitários dos dois países (mas não somente) não podem ler ou escrever “fora” de constrições de ordem social e histórica que condicionam as (suas) práticas letradas acadêmicas. Numa conjuntura em que a educação científica é colocada em destaque em atividades de formação acadêmica, como modo de enfrentamento do fenômeno da desinformação – uma agenda, ainda sob a forma de esperança –, a expectativa institucional é a de que os universitários tenham adesão (consciente ou inconsciente) a um processo de diálogo amplo, no reconhecimento de vozes sociais, para além daquelas indicadas na atividade acadêmica. O que observamos, contudo, é a maior presença de discursos do dito senso comum do que daqueles que apresentam fonte científica,

como se os universitários desconsiderassem (de maneira consciente ou não) parte do processo de educação científica que fundamenta práticas de letramento acadêmico na universidade. Trata-se da constatação de que o domínio de gestão de vozes no texto, enquanto alinhadas às expectativas da instituição, ainda permanece no plano de um aspecto “oculto” – para retomar a expressão de Street (2009) – nessas práticas de letramento acadêmico em questão.

Na comparação entre os dois *corpora*, as diferenças, por um lado, são pouco representativas. Quando se observa, por exemplo, que, na atividade A02-Egito, há ausência total de DD entre os textos franceses, esta pode ser contraposta à presença pontual de somente duas (02) ocorrências de DD nos textos brasileiros. Por outro lado, as semelhanças são significativas. Há proporcionalidade do uso de DD e DI – com preferência deste àquele – nas duas atividades nos dois países, conforme discutido. Há ausência de MAS nas produções textuais escritas em resposta à atividade A02-Abelha nos dois países. Como efeito, conforme comentado, os universitários são orientados, pelo enunciado de instrução, a criar um comentário a um interlocutor projetado, considerando o problema de compartilhar ou não a postagem. Logo, mesmo com baixa frequência de ocorrências, esse fato enunciativo complexo – a RDO – coloca em evidência que cada discurso mostra outros com os quais se relaciona, uma vez que “a observação do espaço que lhes é concedido, [...] do tipo de relações que se estabelece com eles, etc. fornece sobre cada um deles, como tantos estudos já demonstraram, preciosos elementos de caracterização” (Authier-Revuz, 2020, p. XXVI, tradução nossa⁶).

⁶ Do original: “observation de la place qu’il leur fait, [...] du type de rapports qu’il installe avec eux, etc. fournit sur chacun d’eux, comme tant de travaux en ont fait la démonstration, de précieux éléments de caractérisation.” (Authier-Revuz, 2020, p. XXVI).

Considerações finais

De uma perspectiva teórica que buscou destacar os estudos sobre discurso relatado e a representação do discurso outro, este artigo investigou como a RDO pode ser reconhecida em práticas de letramento acadêmico de universitários brasileiros e franceses, quando da demanda institucional, em produções textuais escritas, de análise de *fake news* numa atividade acadêmica. Interessou-se por descrever e interpretar aspectos linguísticos e discursivos da RDO, na investigação do trabalho dos universitários com a reflexividade em linguagem. Observamos que presença de RDO produz efeitos de sentido significativos, mesmo que a gestão da palavra alheia não tenha sido um aspecto explicitado no comando da atividade.

Com relação aos efeitos de sentido identificados, o que se observou é que, quando a representação do discurso outro é efetivada, esta acontece não só como ponto de partida para assegurar as interpretações oferecidas pelos participantes, mas também como possibilidade de fazer intervir discursos “alhures”, referentes a experiências tomadas como próprias sobre o assunto ou, ainda, a certo universo discursivo a partir do qual se imagina um possível. Observando os efeitos de sentido nessas práticas de letramento acadêmico, constatamos que (i) a prática de gestão da palavra alheia não surge de forma espontânea apenas por se tratar de uma atividade em contexto acadêmico e (ii) os enunciados das atividades, que pressupunham análise de discurso outro (na retomada de um trecho de entrevista e de uma postagem em rede social digital) apenas produzem respostas com alta incidência de RDA se, no conteúdo enunciativo da instrução, houver comando que

suscite RDO na atividade. Buscamos, assim, colocar em evidência uma tensão entre expectativa institucional e gestão de fontes científicas na avaliação de notícias com ampla circulação social.

Os resultados têm o potencial de contribuir para a pesquisa e para a formação pedagógica de estudantes: no âmbito da pesquisa, observa-se que a força institucional é tão marcada que os resultados sugerem certa homogeneidade da utilização do discurso citado em atividades pouco convencionais na universidade, o que indica que determinadas atividades podem prever enunciados de pergunta mais explícitos no que respeita à gestão da palavra alheia; quanto à formação pedagógica, descrever essa prática de letramento, do ponto de vista da RDO, pode servir de apoio para mostrar aos estudantes outras formas de gestão da palavra alheia no texto, considerando-se que esse gerenciamento pode ser produtivo quando se trata de argumentos que defendam certo ponto de vista – neste caso, se uma notícia é ou não confiável – e que essa defesa pode ser feita por diferentes modos de RDO, não restritos ao DD ou ao DI (ou, ainda, ao MAS).

Este trabalho também mostrou que estudos comparativos podem ser produtivos para discutir a relação do sujeito da linguagem com o mundo no qual se inscreve (ou busca se inscrever), a partir da observação de efeitos de sentido não transparentes, seja do ponto de vista da produção (falante/escrivente), seja do ponto de vista da recepção (ouvinte/leitor). Este olhar ao contraditório como fundamento de práticas de letramento permite uma reflexão sobre competências letradas digitais que visam ao combate à desinformação com fortalecimento da educação científica.

Referências

ALEXANDRE, Gabriel Guimarães. *Desinformação sobre covid-19: concepções de texto em práticas letradas de agências de fact-checking da Argentina, do Brasil e dos Estados Unidos*. 2024. 190p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), São José do Rio Preto, 2024.

ASSIS, Juliana Assis; KOMESU, Fabiana; POLLET, Marie-Christine. A formação do leitor no contexto da desinformação e das fake news: desafios para os estudos de letramentos na pandemia da covid-19 e além. *Scripta*, v. 25, n. 54, p. 9-38, 2021.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, [S. l.], v. 19, p. 25-42, 1990.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *La Représentation du Discours Autre*. De Gruyter: Berlin/Boston, 2020.

DATAREPORTAL. *Digital 2024 Global Overview Report*. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-global-overview-report>. Acesso em: 22 jun. 2025.

GOURLAY, Lesley; HAMILTON, Mary; LEA, Mary Rosalind. Textual Practices in the New Media Digital Landscape: Messing with Digital Literacies. *Research in Learning Technology*, v. 21, n. 4, 2014.

JENKINS, Henry. *Textual Poachers: Television Fans and Participatory Culture*. New York: Routledge, 1992.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. *Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável*. Tradução de Patrícia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2014.

KOMESU, Fabiana; ALEXANDRE, Gabriel Guimarães; ASSIS, Juliana Alves; FLUCKIGER, Cédric; BART, Daniel. Restrição de uso de celular em escolas no Brasil e na França: conflitos entre orientações institucionais e práticas sociais de letramentos digitais. In: ARAGÃO, Rodrigo Camargo (org.). *Sem celulares nas escolas, e agora?!* Campinas: Pontes Editores, 2025. p. 34-60.

KOMESU, Fabiana; ALEXANDRE, Gabriel Guimarães; SILVA, Larissa Souza da. A cura da infodemia? O tratamento da desinformação em práticas sociais letradas de checagem de fatos em tempos de Covid-19. In: RODRIGUES, Daniella Lopes Dias Ignácio; SILVA, Jane Quintiliano Guimarães (org.). *Estudos aplicados à prática da escrita acadêmica: colocando a mão na massa*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2020. v. 3, p. 185-229.

KOMESU, Fabiana; DAUNAY, Bertrand; FLUCKIGER, Cédric. Littéracies numériques et désinformation: le rôle de l'enseignant dans le contexte d'infodémie. In: SCHEEPERS, Caroline (org.). *Former à l'écrit, former par l'écrit dans le supérieur*. Paris: De Boeck, 2021. v. 1, p. 255-267.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. *New Literacies: Everyday Practices and Social Learning*. 3. ed. London: Open University Press, 2011.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele (org.). *Researching New Literacies: Design, Theory, and Data in Sociocultural Investigation*. New York: Peter Lang Publishing, 2017.

LEA, Mary Rosalind; STREET, Brian Vincent. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. Tradução de Fabiana Komesu e Adriana Fischer. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 477-493, 2014.

OLIVEIRA, Augusto Vinicius de; ALEXANDRE, Gabriel Guimarães; KOMESU, Fabiana; ASSIS, Juliana Alves; FLUCKIGER, Cédric. Discursive authority in COVID-19 vaccination fact-checking: the case of @butantanoficial on Instagram. *Revista do GEL*, v. 20, p. 213-236, 2024.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe Bonow; VINHAS, Otávio; VOLCAN, Taiane; ZAGO, Gabriela; STUMPF, Elisa Marchioro; VIEGAS, Paula; HÜTTNER, Luiz Ricardo; BONOTO, Carolina; SILVA, Gabriela; PASSOS, Iara; SALGUEIRO, Igor; SODRÉ, Giéle. *Desinformação, mídia social e COVID-19 no Brasil: relatório, resultados e estratégias de combate*. Relatório de Pesquisa. 2020.

RICARD, Julie; MEDEIROS, Juliano. Using Misinformation as a Political Weapon: COVID-19 and Bolsonaro in Brazil. *Misinformation Review*, The Harvard Kennedy School (HKS), v. 1, n. 2, [n. p.], 2020.

SIAROVA, Hanna; STERNADEL, Dalibor; SZÖNYI, Eszter. *Research for CULT Committee: Science and Scientific Literacy as an Educational Challenge*. Brussels: European Parliament, 2019.

STREET, Brian Vincent. “Hidden” Features of Academic Paper Writing. *Working Papers in Educational Linguistics*, v. 24, n. 1, p. 1-17, 2009.

TANDOC JR., Edson. C.; LIM, Zheng Wei; LING, Richard. Defining “Fake News”. *Digital Journalism*, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 137-153, 2018.

VERBI Software. *MAXQDA 2024* [computer software]. Berlim: VERBI Software. Disponível em: www.maxqda.com. Acesso em: 22 jun. 2025.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. Information Disorder: toward an Interdisciplinary Framework for Research and Policy Making. *Council of Europe Report*, DGI, 2017.